

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIENCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

EDERBAL DE SOUZA BEZERRA

**CONCEITO DE NATUREZA NA OBRA TANAGOKORO NO SHOSETSU, CONTOS  
DA PALMA DA MÃO, DE YASUNARI KAWABATA**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Graduação em  
História da Universidade Federal de Santa  
Catarina para a obtenção do título de  
Bacharel e Licenciado em História.  
Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Renata Palandri  
Sigolo.

FLORIANÓPOLIS/SC

2018

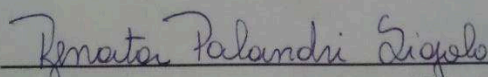


Universidade Federal de Santa Catarina  
Centro de Filosofia e Ciências Humanas  
Curso de Graduação em História

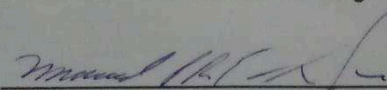
### ATA DE DEFESA DE TCC

Aos vinte e oito dias do mês de junho do ano de dois mil e dezoito, às 09 horas e 00 minutos, Laboratório de História, Saúde e Sociedade, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelos seguintes membros, Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>: Renata Palandri Sigolo (Orientador(a) e Presidente); Prof. Dr: Manoel Pereira Rego Teixeira dos Santos (Titular); Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>: Aline Dias da silveira (Suplente), designados pela Portaria Tcc nº 21/HST/CFH/2018, a fim de arguirem sobre o Trabalho de Conclusão de Curso do Acadêmico Ederbal de Souza Bezerra, intitulado: **“CONCEITO DE NATUREZA NA OBRA TANAGOKORO NO SHOSETSU, CONTOS DA PALMA DA MÃO, DE YASUNARI KAWABATA”**. Aberta a Sessão pelo(a) Senhor(a) Presidente, o Acadêmico expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, o mesmo foi arguido pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas, pelos membros da banca as seguintes notas, Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>: Renata Palandri Sigolo, nota 7,5, Prof. Dr: Manoel Pereira Rego Teixeira dos Santos, nota 7,5, Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>: Aline Dias da silveira, nota —, sendo o acadêmico aprovado com a nota final 7,5. O acadêmico deverá entregar na Coordenadoria do Curso de Graduação em História em versão digital, o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, até o dia 04 de julho de 2018. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pelo candidato.

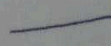
Florianópolis, 28 de junho de 2018

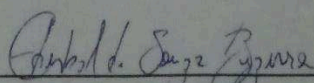


Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>: Renata Palandri Sigolo (Orientador(a))



Prof. Dr: Manoel Pereira Rego Teixeira dos Santos (Titular)

  
Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>: Aline Dias da silveira (Suplente)



Ederbal de Souza Bezerra (Acadêmico)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**  
Campus Universitário Trindade  
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina  
FONE (048) 3721-9249 - FAX: (048) 3721-9359

Atesto \_\_\_\_\_ que \_\_\_\_\_ o  
acadêmico(a) Adriano de Souza Beyer, matricula  
n.º 09161048, entregou a versão final de seu TCC cujo título é  
Conceito de maturação na obra Timóteo no Sinau, Contos de Bóris de Mós  
com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 05 de julho de 2018.

Renata Palomchi Siqueira

Orientador(a)

## AGRADECIMENTOS

O caminho até aqui foi longo e doloroso. Mas a cada dificuldade sempre pude contar com pessoas que não é possível explicar com palavras o tamanho da importância que tiveram em minha vida. A jornada de ninguém é fácil, mas com certeza sempre existe ao nosso lado aqueles prontos a nos acolher, nos engrandecer. A essas pessoas devemos respeito e acima de tudo, gratidão. A vida é feita de escolhas e cada escolha nos apresenta caminhos diferentes a trilhar. Os amigos que fiz nessa trajetória me ajudaram a crescer como pessoa.

A família é o berço, a fonte de onde surgimos. É impossível agradecer o suficiente a quem nos deu a vida e nos deu segurança para caminhar, abrir a porta de casa e enfrentar o mundo. Agradeço com todo o meu coração ao meu pai, Ederbal, que já fez a sua passagem. Nordestino, de fala dura, carrancudo e ao mesmo tempo de coração mole e sorriso fácil. Se não fosse por ele a vida teria sido ainda mais dura. Espero sempre lhe dar orgulho. Agradeço a minha mãe, Edi, de força inabalável mesmo diante das situações mais difíceis que a vida já lhe impôs. A mulher mais forte que eu conheço. Obrigado. Agradeço ao meu irmão de sangue, Luiz. Que apesar de todas as diferenças, brigas e lágrimas, sempre teve muito a me ensinar e continua me ensinando, sempre.

Agradeço ao meu irmão de coração, Kleyton. O que seria de mim sem você aqui, meu caro? Não pode faltar agradecimentos aos meus amigos e irmãos do coração de longa data: Daniel, Gabriel, Helmuth, Adônis. Espero ter o amor de vocês por toda a minha vida. Nada que eu escreva aqui é bom o bastante para dizer o quanto sou grato pela minha companheira, Pâmela. Sua dedicação e talento em tudo o que faz me inspira diariamente e me motiva a ser cada vez melhor, eu te amo. Por mais bobo que seja, não posso deixar de agradecer as minhas gatinhas Beni e Rita e o gatinho Chico, por tantos ronrons, miados e lambidas em quanto eu escrevia este trabalho. Eles me transmitiram muita paz durante esse processo.

Gostaria de agradecer aos meus amigos do Curso de História. Compartilhamos muitas coisas juntos e mesmo distantes sabemos que todos estão conquistando os seus sonhos: Ana, Camila, Mariana, Manoela, Leticia, Isabella, Raphaela, Allan, Gustavo, João, Icles, Luiz. E também agradecer aos professores do Curso de História

pela dedicação ao trabalho e aos seus alunos. Agradecer as amizades e todo carinho que recebo dos alunos do Colégio de Aplicação da UFSC na época em que trabalhei como bolsista do setor de inclusão. Não posso deixar de agradecer aos amigos da Livraria Catarinense que foram por mais de quatro anos uma família para mim: Junior, Vanessa, Fábio, Adriana, Ju Bem, Juzinha, Carla, Gisele, Carlize, Arthur, Andreza. E finalmente, agradeço a minha orientadora Renata Palandri, por toda ajuda e apoio durante esses meses. E principalmente por acreditar em mim e não me deixar desistir. Muito obrigado. Agradeço a Deus por me proporcionar tantas pessoas maravilhosas na minha vida.

## RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso propõe a análise de dois contos do livro *Contos da Palma da Mão* do autor japonês Yasunari Kawabata. Esta análise visa entender as representações de natureza em sua obra literária pensando como se dava a relação do povo japonês com a natureza. Para isso é feita a contextualização do período de atuação do autor assim como uma breve biografia a seu respeito. Em um segundo momento é pensado o país no início do século XX com a modernização devido ao contato mais radical com o ocidente culminando com a Segunda Guerra Mundial e destacando também o pós-guerra com a reestruturação do Japão buscando entender como esses acontecimentos influenciaram o comportamento dos japoneses com o meio ambiente.

Palavras-chave: Yasunari Kawabata, Japão, Literatura Japonesa, Natureza, Modernidade, Guerra.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1. TEMPO E ESPAÇO DE YASUNARI KAWABATA.....	13
2. REPRESENTAÇÕES DA NATUREZA NOS CONTOS DA PALMA DA MÃO ....	20
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
4. REFERÊNCIAS .....	36
5. ANEXOS.....	38

## INTRODUÇÃO

- Não compreendemos mais o verdadeiro prazer das noites de luar, não é? Somente as pessoas de tempos muito antigos, quando não havia iluminação, compreendiam o verdadeiro prazer das noites de luar.<sup>1</sup>

Essas palavras foram proferidas por um Bonzo no conto *O inverno se aproxima* de 1926 presente na obra que será analisada neste trabalho: *Contos da Palma da Mão* de Yasunari Kawabata. Ela nos apresenta a simplicidade e pureza do autor no que diz respeito a sua busca pela expressão e identidade de sua literatura. A união do clássico pensamento japonês, de beleza e intimidade com os elementos da natureza, moldado no período das cortes Heian do século VIII e as técnicas literárias que surgiram da Europa, principalmente o Fluxo de Consciência que ficou conhecido após a tradução do livro *Ulysses* de James Joyce. O fluxo de consciência designa qualquer apresentação dos padrões do pensamento humano que sejam ilógicos, não gramaticais e principalmente associativos, sejam eles falados ou não e tal característica se faz presente nas obras do autor japonês.<sup>2</sup>

O encontro do ocidente com o oriente é apenas um reflexo no campo da literatura, ele se dá principalmente no espaço das relações, costumes e tradições, no cotidiano e no espaço natural do Japão. O objetivo do trabalho consiste em analisar, por intermédio de fonte literária, as representações de natureza na obra do autor Yasunari Kawabata. Compreender este contato e seus reflexos na sociedade e acima de tudo no meio ambiente japonês. Como o povo japonês via e se relacionava com o seu meio? Como se deu as mudanças no ambiente a partir do contato com o ocidente e principalmente com o ímpeto do país em se tornar uma potência mundial inserindo-o nos conflitos da Segunda Grande Guerra?

A principal fonte é a edição da Estação Liberdade de 2008 do livro *Contos da palma da mão* traduzido por Meiko Shimon. O livro é uma compilação de vários contos do autor no decorrer de sua carreira. Existe uma série de textos dele que trazem elementos da natureza intrínsecos ao ser humano, mas estão selecionados dois

---

<sup>1</sup> KAWABATA, Yasunari. *Contos da palma da mão*. Estação Liberdade. São Paulo, 2008. p. 130

<sup>2</sup> CARVALHO, Alfredo Leme Coelho de. *Foco narrativo e fluxo de consciência*. Ed. Pioneira. São Paulo, 1981. p. 53



contos que abordam de forma sutil, mas muito profundas, essa relação do humano com a natureza.

Para dar validade a esse objetivo é imprescindível o diálogo com a história ambiental. Compreender a historicidade das relações entre a sociedade e a natureza possibilita uma postura mais crítica a frente deste debate. Já há algumas décadas e no atual contexto em que vivemos a questão ambiental se tornou um dos temas mais relevantes e merece o devido destaque e preocupação.

É preciso entender também que a ideia de natureza não foi sempre a mesma no decorrer do tempo. De acordo com o trabalho de Carlos Gonçalves toda sociedade, toda cultura cria uma ideia determinada do que seja a natureza. Dessa maneira o conceito de natureza não é natural, mas sim instituído pelo homem.<sup>3</sup> Com o antropocentrismo, e a ele engloba o mercantilismo e colonialismo, existe uma dessacralização da natureza, ideia que não ocorria na antiguidade clássica com os gregos e romanos e também na idade média. Quando pensamos na sociedade ocidental e sua relação com a natureza podemos destacar o Iluminismo a partir do século XVIII que deu ênfase a natureza como algo palpável e posteriormente a sociedade contemporânea capitalista passa a alterar o meio natural com maior amplitude devido as revoluções industriais, principalmente no século XVIII e XIX. O aumento populacional, a crescente demanda por combustíveis fósseis e outras fontes de energia, o aumento da produtividade gerando lixo e outros resíduos e, sobretudo as guerras, causaram impactos que repercutem até hoje.<sup>4</sup> A ideia de natureza para o povo japonês é um tanto diferente e tem profunda relação com o que eles acreditavam e se constitui na fé primitiva do povo, como veremos mais adiante.

Faz-se necessário salientar que o ser humano não é um destruidor, ou como aponta Regina Horta, “um ecologista” com o passar do tempo, mas o que o diferencia das outras espécies que compartilham o meio natural é o fato de que ele cria cultura, significando e ressignificando o seu entorno e agindo em sua transformação.

[...] o universo não depende do ser humano para existir. Certamente não: poderíamos simplesmente não estar aqui. A natureza também funcionaria perfeitamente (quem sabe até melhor) sem nossa presença, neste planeta, cheio de água, plantas, animais, pedras e o deslumbrante azul do céu. Mas, uma vez que estamos aqui, e

---

<sup>3</sup> GONÇALVES, C. Walter Porto. *Os (des)caminhos do meio ambiente*. São Paulo: Contexto, 1998. p. 23

<sup>4</sup> DUARTE, Regina Horta. *História & Natureza*. Autêntica. Belo Horizonte. 2005. p. 55

pensamos, e olhamos tudo em volta, dando nomes para as coisas [...] somos *nós* que construímos sentidos para o universo e a natureza.<sup>5</sup>

Como a fonte trabalhada será uma obra literária, é importante compreender um pouco a forma como a História dialoga com a literatura. A tarefa do historiador é controlada pelo arquivo, pelo documento, pelos traços do passado que chegam até o presente. O historiador não cria vestígios do passado, mas os descobre ou lhes atribui um sentido, e tais vestígios são a sua fonte. A Literatura se torna uma fonte especial para o trabalho do historiador, quando este estiver interessado em resgatar as sensibilidades, os sentidos e valores de uma época ou também compreender como os homens representavam a si próprios e o seu entorno. Mesmo quando a sua fonte é uma obra de literatura que é condicionada pela ficção, mas que traz desdobramentos importantes para a compreensão do seu tempo nas entrelinhas<sup>6</sup>. De acordo com a historiadora Sandra Pesavendo:

A Literatura, como se sabe, é sempre fonte de si mesma, ou seja, diz sobre o presente da sua escrita e não sobre a temporalidade do narrado. Assim, o historiador não pode pegar Walter Scott, com Ivanhoé, ou Érico Veríssimo, com O Tempo e o Vento, para buscar saber como era a Idade Média ou como foi a formação histórica do Rio Grande do Sul. Neste tipo de romance histórico, o que poderá ser analisado é como os homens do século XIX representavam e criavam para si a época medieval, ou como nas décadas de 40 e 50 o Rio Grande do Sul buscava o seu passado para explicar o seu presente.<sup>7</sup>

História e Literatura são formas distintas, e próximas, de contar a verdade e lhe atribuir sentidos.<sup>8</sup> Ambas têm como referência sempre o real. Os contos de Kawabata estão intimamente ligados com o momento em que foram produzidos. Contextualizar a sua obra literária nos leva a buscar significado para uma maior compreensão do seu tempo. O historiador busca os traços objetivos para criar a sua interpretação reconstituindo uma temporalidade criando uma narrativa. Dessa forma os contos serão analisados para entender como o autor enxergava a natureza fazendo relação ao momento do seu país.

<sup>5</sup> Idem, p.76-77

<sup>6</sup> PESAVENDO, Sandra Jatahy. O mundo como texto: leituras da História e da Literatura. p.39. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/30220> acessado em 28 de abril de 2018.

<sup>7</sup> Idem

<sup>8</sup> NODARI. Eunici; PEDRO, Maria Joana; IOKOI, Zilda M.Gricoli. História: fronteiras / Associação Nacional de História. São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP: ANPUH, 1999. p. 821. Disponível em: <http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/ANPUH.S20.pdf> acessado dia 30 de abril de 2018

O foco do trabalho está nas representações da natureza a partir dos contos do autor japonês pensando a modernização do país tendo o enfoque do período da Segunda Guerra Mundial e o pós-guerra. Serão abordados os principais elementos que fizeram o Japão caminhar para tal evento na sua história e que também foi o momento de crescimento do autor e espaço temporal de boa parte de suas obras.

A pesquisa está dividida em dois capítulos, cada qual centrado em temáticas que são de tamanha importância para o entendimento da perspectiva do trabalho. O primeiro capítulo vai trazer um panorama geral sobre a vida do autor. Dados de onde e quando ele nasceu, assim como aspectos familiares que foram importantíssimos no seu processo criativo. A ligação com a literatura, tanto japonesa quanto ocidental que moldaram sua técnica e estética narrativa, para isso, serão abordados neste primeiro momento aspectos valiosos sobre as mudanças que ocorreram no movimento literário do país devido a essa influência do ocidente. É feita também uma abordagem geral sobre seus principais trabalhos e o contexto de suas produções e um pouco sobre a principal tradutora de suas obras no Brasil, Meiko Shimon, que serviu de principal fonte para as pesquisas aqui realizadas.

Já no segundo capítulo conheceremos um pouco mais da obra que reúne os contos do autor, *Contos da palma da mão*, que é considerado um manancial das principais características literárias de Kawabata. Será abordado o contexto que suas obras estão inseridas tendo como foco especial a modernização do país. Para isso se faz necessário entender o período conhecido na história como a Era Meiji (1868-1912) onde surgem os primeiros passos efetivos para o desenvolvimento visando as potências do ocidente levando até o poderio japonês no oriente e seu esforço de guerra. Neste momento a problemática da representação da natureza encontra o dilema da questão ambiental que o Japão se depara para se constituir como uma nação forte e soberana, o que trará sérias consequências para o povo.

Neste segundo capítulo está a abordagem de dois contos do autor: *A romã* de 1943 e o conto *Os vizinhos* de 1962. Cada um com suas diversas particularidades que estarão representando esse contexto de forma sutil, delicada e poética do povo japonês com o seu entorno. Aqui se dá uma interpretação muito pessoal sobre os pormenores que, até certo ponto, Kawabata intencionou transmitir para o seu leitor. A escolha desses contos foi pensando em compreender o contexto da época em que foram escritos e como podemos entender a relação do ser humano com a natureza neste determinado tempo. Aqui é preciso esclarecer um ponto importante sobre a

forma com os contos serão apresentados. Cada conto terá sua história contada de forma direta, ou seja, como se o autor estivesse contando a história escrita pelo autor. Logo em seguida já é feita a análise do conto e para isso serão destacados alguns trechos que foram considerados de principal importância para devida interpretação. Foi optado por colocar em *itálico* as partes destacadas do conto e não com recuo da margem, como seria mais comum, essa escolha foi feita pensando em um texto mais limpo evitando confundir com uma citação direta. No final do trabalho é possível ler os contos na íntegra na seção de anexos para uma visão mais ampla da história sem a participação do autor deste trabalho.

## 1. TEMPO E ESPAÇO DE YASUNARI KAWABATA

O presente capítulo pretende apresentar elementos que possibilitem conhecer o autor em questão. Para isso se faz necessário compreender o momento em que ele está inserido assim como a literatura japonesa em sua época. Yasunari Kawabata nasceu, de forma prematura, no ano de 1899 em Osaka de uma família tradicional e de grande prestígio em sua região. Seu avô era médico e viria a ter um importante papel na trajetória do autor.

Meiko Shimon, tradutora e grande pensadora das obras de Kawabata levanta uma questão interessante quando se trata deste autor:

Os estudos relacionados ao escritor Yasunari Kawabata desenvolvidos no Japão costumam dispensar algumas considerações sobre a formação de sua personalidade, referindo-se apenas a sua conturbada infância. De fato, é raro um trabalho de análise de sua obra não remeter às questões de sua orfandade precoce, “da morte dos avós”, de sua busca pela “imagem da mãe”, entre outras questões. O próprio Kawabata, que afirmava sentir-se embaraçado ao falar de si mesmo, escreve em 1934, atendendo a um convite da revista *Shinshichô (Novas Ideologias)*, uma crônica autobiográfica intitulada *Bungakuteki jijoden (Autobiografia literária)*, esclarecendo diversos aspectos de sua infância e sua suposta relação com a literatura.<sup>9</sup>

A literatura japonesa trazia uma tradição de romances confessionais e intimistas conferindo na obra de ficção “até que ponto estaria ela baseada na realidade”. Embora Kawabata não tenha sido qualificado como um escritor deste gênero, frequentemente utilizava como fonte de sua obra a própria experiência.

Seu pai, Eikichi, era médico e apaixonado pelas artes. Quando tinha apenas dois anos, Kawabata, perde seu pai por tuberculose. Já sua mãe, Gen, morreria um ano após do mesmo mal que acometera o marido. Shimon afirma que a busca das imagens do pai e da mãe foi um dos temas constantes do escritor. Sua irmã mais velha, Yoshiko, vai morar com a tia enquanto ele passa a viver com os avós maternos. Passado um tempo Kawabata perde também a irmã e aqui um fato interessante de se comentar é que algumas de suas personagens no seu livro de contos, que será analisado aqui, recebem o nome de Yoshiko.

---

<sup>9</sup> SHIMON, Meiko. *Concepção estética de Kawabata Yasunari em Tanagokoro no Shôsetsu*. Ed. Universidade/UFRGS, 2000. p. 52 à 53

A vida do autor foi marcada por diversas perdas antes mesmo de completar a idade adulta. Nessa época Kawabata passa a escrever relatando algumas situações em seu diário, o *Juurokusai no Nikki* (Diário dos dezesseis anos). Este diário só vem a ser publicado dez anos depois. Infelizmente o avô de Kawabata era cego e sua avó vem a falecer no mesmo ano em que ele entra para o colégio, ficando com a responsabilidade de cuidar do idoso.

Nesse período começou a se instalar em Kawabata uma espécie de barreira que o separava das pessoas, uma distancia emocional que seria causada por vários fatores, entre eles boatos com relação à morte de seus pais, o seu desgosto com as pessoas e sua saúde frágil. Isso seria a razão para o grande número de faltas em seu primeiro ano de escola. A forma como se relacionava com os avós, durante a maior parte de sua juventude, aparentemente surge de alguma forma em suas obras. Um dos principais exemplos é o seu livro intitulado *Yama no Oto* (O som da montanha), onde ele explora a relação da família com o idoso. Em seu diário ele relata que tinha profundo carinho e respeito pelo avô, contudo, se sentia incomodado com a forma degradante que presenciava a sua saúde definhando.<sup>10</sup> Essa degradação do corpo do idoso aparece também na obra *Nemureru Bijo* (A casa das belas adormecidas).

Desde cedo, demonstrara o gosto pela literatura quando dois anos depois, seu avô vem a falecer. Após mais uma perda, tornou-se interno do colégio que frequentava e teve oportunidade de conviver com outros rapazes também apaixonados pela literatura. Em 1917 se muda para Tóquio ingressando no curso de literatura inglesa e mais tarde optando pela literatura japonesa. Nessa época já havia escrito diversos contos e acaba conhecendo pessoas renomadas do meio literário japonês assim como passa a sofrer forte influência do modernismo ocidental.<sup>11</sup>

Quando completa dezenove anos ele faz uma viagem pela região da península de Izu, próxima a Tóquio. Lá, acaba por conhecer e se relacionar com um grupo de artistas ambulantes. Esta convivência lhe proporcionou diversas vivências e em 1926 escreve uma de suas principais obras, *Izu no odoriko* (A dançarina de Izu), firmando-

---

<sup>10</sup> GESSEL, Van C. *Three Modern Novelists*. Kodansha Internacional. Tokyo. 1993. p. 136

<sup>11</sup> SHIMON, Meiko. *Concepção estética de Kawabata Yasunari em Tanagokoro no Shôsetsu*. Ed. Universidade/UFRGS, 2000. p. 55

se no mundo literário de seu país. Shimon afirma que a experiência vivida em Izu, proporcionou-lhe a reconciliação de sua alma com a humanidade.

Esta obra traz o estilo literário próprio do autor. As características como sua predileção do tema do “Amor impossível”; a delicada justaposição de ideias e imagens; a súbita mudança de ambiente, entre outras, que seriam desenvolvidas em suas obras posteriores, acham-se todas presentes neste romance.<sup>12</sup>

No Japão, a literatura se revigora ao entrar em contato com as técnicas e ideologias literárias do ocidente. Por volta de 1920 ela já se encontra solidificada com escritores e obras que seguiam o caminho do realismo e naturalismo. Insatisfeitos com a estagnação literária japonesa, surgem nessa época jovens influenciados pela Europa que protagonizam os movimentos modernistas japoneses. Aqui podemos destacar dois grupos principais: de um lado a corrente proletária, engajada politicamente com conexão ao marxismo, pensando uma “literatura da revolução” retomando o caráter social dos romances. De outro a corrente neossensorialista (*Shinkankakuha*), que almeja a “revolução da literatura” em busca de uma nova estética literária, quando Yasunari Kawabata inicia suas atividades, em 1920. Apesar de ambas quererem ir contra os valores existentes, existia um confronto entre elas no que tocava algumas particularidades: a ideologia ou a técnica, ação ou expressão, a política ou a arte. Os partidários do neossensorialismo acreditavam que com essa visão do mundo e da arte, eles pretendiam apreender a atualidade por meio da inovação total da expressividade.<sup>13</sup>

A importância desse movimento era ter criado uma concepção literária, com novas técnicas que chegaram da Europa, procurando se distanciar de ideologias políticas, na exata época em que a literatura proletária havia tentado abraçar a todos os escritores.<sup>14</sup>

Um escritor modernista deve tentar a inovação sensorial. Pois sem a inovação da expressão não haveria inovação da literatura e sem inovação sensorial não haveria inovação do conteúdo. O modo convencional entendia “olhos” e “rosa vermelha” como duas entidades distintas e escrevia: “Meus olhos viram uma rosa vermelha” O novo escritor apreende os olhos e a rosa como uno e escreve: “Meus olhos são uma rosa vermelha.”<sup>15</sup>

<sup>12</sup> LEWELL apud SHIMON, 2000. p. 56

<sup>13</sup> SHIMON, Meiko. *Concepção estética de Kawabata Yasunari em Tanagokoro no Shôsetsu*. Ed. Universidade/UFRGS, 2000. p. 26

<sup>14</sup> Idem. p28

<sup>15</sup> KAWABATA apud SHIMON, 2000, p.29

Por mais de uma década, a literatura proletária domina o mundo literário japonês, porém devido a escalada do militarismo e consequente censura à liberdade de expressão, os partidários do movimento são forçados a renunciar ao seu ideal, e por volta de 1935 a corrente proletária praticamente desaparece. A corrente neossensorialista se afasta do proletariado e pretende uma inovação total da expressividade, pondo em prática os experimentos com novas técnicas literárias introduzidas da Europa pós Primeira Guerra. Horiguchi Daigaku possibilitou a tradução de poesias surrealistas francesas o que inspirou esta corrente que tentava produzir os efeitos do imaginário e sequência de imagens em sua prosa<sup>16</sup>. “Todavia, sem fundamentos teóricos que sustentem sua linha de pensamento, o movimento se autodissolve antes mesmo do fim do movimento proletário.”<sup>17</sup>

Podemos entender a produção de Yasunari Kawabata por meio de três etapas diversas. Em um primeiro momento ele foi extremamente fértil. É nesse primeiro período de suas produções que o autor cria os seus contos que foram reunidos mais tarde nos *Tanagokoro no shosetsu* (Contos da palma da mão) totalizando cento e quarenta e oito. Hoje são considerados um manancial de onde se originou a literatura de Yasunari Kawabata. O escritor japonês das décadas de 20 e 30 que se preocupasse seriamente com a expressão técnica em sua obra recebia de alguma forma a influência da literatura ocidental. A tradução de *Ulysses* de James Joyce causou impacto tão forte nos escritores japoneses a ponto de eles renegarem todas as técnicas literárias tradicionais e acreditarem na impossibilidade de criar novas obras sem recorrerem à técnica do fluxo de consciência de Joyce.<sup>18</sup>

Um segundo período da obra de Kawabata compreende os anos de 1934 até o fim da Segunda Grande Guerra, período esse conhecido como *Yukiguni* (*País das neves*). O escritor tem um número bem reduzido de publicações. Contudo é quando escreve *O País das Neves*, considerado sua obra prima. A sensibilidade lírica cultivada pela leitura dos clássicos japoneses, o seu amor por viagens e pela natureza, mesclados com a esmerada técnica expressiva do neossensorialismo, resultaram numa riqueza narrativa de rara beleza.<sup>19</sup> Durante este período Kawabata escreve um

---

<sup>16</sup> KATO, Shuichi. *A history of Japanese Literature: Volume 3*. Kodansha International. 1990.

<sup>17</sup> SHIMON, Meiko. *Concepção estética de Kawabata Yasunari em Tanagokoro no Shôsetsu*. Ed. Universidade/UFRGS, 2000. p. 138

<sup>18</sup> Idem, p. 27

<sup>19</sup> Idem, p. 57



de seus principais livros: *O mestre de Go*<sup>20</sup> na época cobrindo as partidas de dois grandes jogadores. Este trabalho é considerado de extrema importância devido ao vigor, dignidade e sutileza da narrativa.

Durante a Segunda Guerra, Kawabata aprofunda suas leituras dos clássicos de sua terra dando enfoque em *Genji Monogatari* (Narrativas de Genji) e *Makurano Soshi* (Crônicas de travesseiro) sem esconder sua admiração pelas leituras budistas. Com o fim dos conflitos e a derrota do seu país, ele percebe na forte ocidentalização um distanciamento inevitável com a cultura tradicional do Japão. Kawabata fica profundamente abalado e declara em *Aishû* (Melancolia, 1947) que só irá escrever a beleza da sua pobre pátria. Nesse momento o escritor encontrava sua identidade na alma dos antepassados japoneses e no seu modo de viver harmoniosamente com a natureza. Devido a essas características esse terceiro período de produção é fértil. Ele escreve diversas obras como: *Mil Tsurus*, romance em que os protagonistas se envolvem com a cerimônia do chá onde a foco é a longevidade da arte e a brevidade da vida. O universo dessa história é um mundo de culto ao belo<sup>21</sup>. As obras desse período mostram a visão estética enriquecida pelo profundo conhecimento da cultura antiga e tradicional do seu país.<sup>22</sup>

Durante esses períodos assim como no início de sua carreira, Yasunari Kawabata participou de diversas atividades de incentivo à literatura. Retoma revistas e periódicos literários, ingressa em grupos de escritores e debates sobre o ofício, tornando-se presidente do P.E.N Club. Ficou amigo de Yukio Mishima, outro grande escritor japonês da época, que logo teria uma participação importante em sua vida. Obteve reconhecimento com suas publicações e participando de roteiros para o cinema e televisão até mesmo como jornalista, atuando também como professor de literatura. Em 1966 é indicado ao Prêmio Nobel de Literatura. O comitê colocou o autor japonês, Yasunari Kawabata, no topo da lista. Anders Österling o descreve como:

Representante de um estilo de vida nacional e um arquétipo moral consciente da cultura que coloriu sua descrição dos humanos e artisticamente afirmou a si mesmo em contraposição à influência

---

<sup>20</sup> Go: É um jogo de tabuleiro usando pequenas pedras brancas e pretas

<sup>21</sup> KENKICHI apud SHIMON, 2000, p.60

<sup>22</sup> SHIMON, Meiko. *Concepção estética de Kawabata Yasunari em Tanagokoro no Shôsetsu*. Ed. Universidade/UFRGS, 2000. p. 58

ocidental. Seu último romance "Kyoto" pode ser chamada de obra prima de tenra e misteriosa poesia.<sup>23</sup>

A Academia sueca não seguiu a sugestão do comitê, negando o prêmio a Kawabata naquele ano. Entretanto, eles escolheram a segunda proposta e o prêmio de 1966 foi dividido igualmente entre Shmuel Yosef Agnon "por sua profunda arte característica narrativa com o tema da vida do povo judeu" e Nelly Sachs "por sua incrível escrita lírica e dramática que interpreta o destino de Israel com comovente força"<sup>24</sup>. Kawabata é agraciado com Prêmio em 1968 valorizando suas obras e todo seu esforço pela literatura. Antes dele Yukio Mishima já fora indicado no ano de 1963, e Junichiro Tanizaki em 1964.

Em suas últimas obras, Yasunari Kawabata procurou exprimir a angústia e a frustração da alma livre e singela do homem, tal como teria sido na era clássica japonesa – anterior ao século VIII – em que se convivia em harmonia e gratidão com a natureza (inclusive a natureza humana), e que se perdera no labirinto da difícil tarefa de “viver” do homem moderno.<sup>25</sup>

Em 1970 são enfim compilados e publicados os seus contos em *Tanagokoro no Shosetsu*, mesmo ano em que seu amigo Yukio Mishima comete suicídio. Devido ao excesso de compromissos tem sua saúde debilitada, passando ao uso de soníferos e outros entorpecentes. Seus problemas de saúde se agravam e em abril de 1972 Kawabata morre através da inalação de gás<sup>26</sup>. Ele carregou o fardo de um homem solitário: embora tenha se casado e adotado uma filha, o ar de pessoa desamparada sempre o acompanhou. Embora tenha declarado mais de uma vez: “Eu nunca admiro, nem sou simpatizante do suicídio”, ele morreu, presumivelmente, por suas próprias mãos<sup>27</sup>.

Dez obras de Yasunari Kawabata foram traduzidas diretamente do japonês no Brasil, todas pela editora Estação Liberdade, são elas: *A gangue escarlate de Asakusa*, *O país das neves*, *Mil tsurus*, *A casa das belas adormecidas*, *Contos da*

<sup>23</sup> Disponível em: <https://www.nobelprize.org/nomination/literature/1966.html> acessado em 20 de março de 2018. Tradução livre do autor.

<sup>24</sup> Disponível em: <https://www.nobelprize.org/nomination/literature/1966.html> acessado em 20 de março de 2018. Tradução livre do autor.

<sup>25</sup> SHIMON, Meiko. *Concepção estética de Kawabata Yasunari em Tanagokoro no Shôsetsu*. Ed. Universidade/UFRGS, 2000. p. 66

<sup>26</sup> LEONEL, Samara. *A morte e as perversões em A Casa das Belas Adormecidas*. Dissertação – UFSM. Rio Grande do Sul. 2012. Disponível em: <http://docplayer.com.br/61940283-A-morte-e-as-perversoes-em-a-casa-das-belas-adormecidas-de-yasunari-kawabata.html> acessado em 20 de março de 2018.

<sup>27</sup> SHIMON, Meiko. *Concepção estética de Kawabata Yasunari em Tanagokoro no Shôsetsu*. Ed. Universidade/UFRGS, 2000. p. 66

*palma da mão, Kyoto, A dançarina de Izu, O som da montanha, O lago, O mestre de go.* Uma última obra chamada *Beleza e tristeza* faz parte de outra editora e seu texto foi traduzido do inglês. Das obras publicadas pela editora Estação Liberdade, praticamente todas foram traduzidas por Meiko Shimon, principal estudiosa no país sobre os trabalhos de Kawabata. A edição dos *Contos da palma da mão* foi inteiramente traduzida por ela. A tradutora nasceu em Kyoto em 1940 e se mudou para o Brasil em 1953. Mestre em língua, literatura e cultura japonesa pela USP, é autora de “Concepção estética de Kawabata Yasunari em *Tanagokoro no shosetsu* (Contos que cabem na palma da mão)” da editora da UFRGS, material que foi de enorme importância para pesquisa desse trabalho de conclusão de curso. Atualmente é professora-colaboradora da UFRGS na área de literatura japonesa. Recebeu o prêmio O Sul, Nacional e os Livros de melhor tradução do ano por Kyoto, também da Estação Liberdade.<sup>28</sup>

---

<sup>28</sup> KAWABATA, Yasunari. *Contos da palma da mão*. São Paulo. Estação Liberdade. 2008. p. 11

## 2. REPRESENTAÇÕES DA NATUREZA NOS CONTOS DA PALMA DA MÃO

Devido ao contato com as potências europeias e suas ideias progressistas no final do século XIX, o Japão passou a investir em uma tremenda renovação de seus costumes. O pensamento oriental encontra o ocidente e a partir daí a busca por inovação começa. Guiado por esses ideais, o país absorveu as convicções do ocidente e também a sua cultura material de forma rápida. Kawabata nasce nesse ínterim, portanto convive com um Japão que beira o tradicional, a natureza, o pensamento moldado por anos de influência budista, confucionista e xintoísta em contraste com o desejo de se ocidentalizar para andar lado a lado com as potências ocidentais.

Durante séculos, o budismo e o confucionismo foram fontes inesgotáveis de saber, de estudo e de inspiração que influenciaram e continuam influenciando todas as manifestações culturais japonesas, das artes, dos costumes e atitudes aos mais profundos pensamentos do japonês. Ao mesmo tempo, o xintoísmo contém uma doutrina ampla e rica sobre o mundo, o homem, a busca do conhecimento, da compreensão e da paz do homem consigo próprio, com os outros, com os animais, com a natureza e as coisas.<sup>29</sup>

A ideia do xintoísmo para o japonês era tão “natural” que até a chegada do budismo no século VI não tinha um nome certo. Quando o budismo adentra o país e se choca com a crença existente do povo japonês esta passa a se denominar Xintô, ou o caminho dos deuses. É difícil saber com exatidão o que era o xintoísmo antes da chegada do budismo. Não era simplesmente a única religião, mas sim o único modo como os antigos japoneses se relacionavam com o mundo ao seu redor. Acreditavam profundamente que os deuses, homens e Natureza derivavam dos mesmos ancestrais. Dessa forma não existia uma separação conceitual entre a Natureza e o homem. O homem era parte de um todo intimamente associado e identificado com os elementos e as forças do mundo ao seu redor. Fato que se nota pela importância das

---

<sup>29</sup> BARROS. Benedicto Ferri de Barros. *Japão: a harmonia dos contrários*. T. A. Queiroz. São Paulo. 1988. p. 45

principais divindades associadas aos fenômenos da natureza: o nascimento, o crescimento, as transformações e a morte.<sup>30</sup>

Essa estreita proximidade com a Natureza e elementos de seu entorno constitui-se na principal característica do Xintô. Supõe-se que o modo como viam o mundo era uma forte concepção intuitiva de uma profunda unidade subjacente, biológica e física ao mesmo tempo, entre todos os homens a Natureza e todas as entidades invisíveis ao homem, porém dignas de veneração. Relacionando as três mais antigas correntes de pensamento que estão na gênese do pensamento japonês, teria dito o príncipe Shotoku , que difundiu o budismo no Japão: “O Xintoísmo é a raiz e o tronco de uma grande árvore robusta e transbordante em inesgotável energia; o Confucionismo são os galhos e as folhas e o Budismo são as flores e frutos”. Por dois ou mais milênios, junto com o budismo e o confucionismo, essa religião autóctone moldou o caráter desse povo.<sup>31</sup>

Contudo, a sede por se modernizar colocou em grave risco a questão ambiental do país. Mesmo a partir das perspectivas do início do período moderno que percebiam o ambiente natural cheio de divindades xintoístas, os pensadores defendiam a exploração do ambiente para obter vantagens econômicas e políticas, passando por cima de uma cultura que acreditava que a natureza era guiada por forças criativas, animadas por essas divindades.

O período Meiji possuía um submundo escuro, caracterizado pelo sofrimento humano e pelos primeiros sinais de problemas ambientais causados pela industrialização desenfreada e pela dependência de combustíveis fósseis.<sup>32</sup>

Para citar um exemplo dessa discrepância da relação do japonês com o meio natural podemos pensar no advento da industrialização e o desenvolvimento econômico, o habitat das espécies selvagens passou a sofrer uma pressão crescente, levando a diminuição de inúmeras espécies. O lobo japonês era conhecido por ter um valor especial no xintoísmo. Lobo em japonês é *ôkami* que também significa a “grande divindade”, muitos santuários xintoístas celebravam os rituais de adoração ao lobo. Devido ao empenho do governo na pecuária, o lobo foi rebaixado a um animal nocivo

---

<sup>30</sup> HERBERT apud KANEOYA, 2012, p. 1. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/232833912/Xintoismo-Mitologia-e-Influencia-Na-Formacao-Da-Cultura-e-Do-Carater-Do-Povo-Japones> acessado em 10 de junho de 2018

<sup>31</sup> Idem

<sup>32</sup> BRETT, Walker L. *História concisa do Japão*. São Paulo. Edipro. 2017. p. 209

a esses interesses.<sup>33</sup> A modernização alterou a forma como os japoneses viam a vida selvagem e se relacionavam com ela. Além da caça a busca por combustíveis fósseis, bem extremamente necessário para essa modernização, trouxe consequências ambientais perigosas.<sup>34</sup>

Kawabata aproxima seus trabalhos, de forma sutil e poética, dessas questões a cerca da modernização e de seus impactos, os esforços de guerra e que posteriormente o fim da segunda guerra deixaram no seu país e em sua nação. Ele consegue exprimir sentimento e sensibilidade, mesmo em descrições aparentemente insignificantes, nos proporciona a angústia e a frustração da alma livre e singela do homem, tal como teria sido na era clássica japonesa (século VIII) em que se convivia em harmonia e gratidão com a natureza, e que se perdera no labirinto da difícil tarefa de viver do homem moderno.<sup>35</sup> Em entrevista de 1947, Kawabata diz: “Desde o fim da guerra eu não fiz nada a não ser voltar a melancolia do antigo Japão”.<sup>36</sup>

Foi no século VIII, o período Heian, ao qual Kawabata bebe de muitas fontes, que a poesia *waka* ganhou maior espaço. Os temas dominantes eram o amor, a separação, a saudade e as imagens naturais, muitas vezes intercaladas para evocar as sensibilidades melancólicas. Os poetas da época evocavam imagens naturais para comunicar seus sentimentos. Embora, na sua juventude, ele tenha participado ativamente dos movimentos literários modernistas, suas raízes estavam solidamente ligadas à cultura oriental.<sup>37</sup>

É sabido que a guerra impôs terríveis danos às ilhas japonesas. Após a guerra o Japão ficou em ruínas. No entanto o mundo natural mostrou-se surpreendentemente resiliente após os bombardeiros, mesmo depois de os Estados Unidos lançarem as bombas atômicas em Hiroshima e Nagasaki.

A radiação nos hipocentros dissipou-se rapidamente, trazendo a vida animal e vegetal de volta para as cidades incendiadas. Dentro das cidades arruinadas, as plantas começaram a colonizar os espaços anteriormente habitados; a maioria das malformações florais desapareceram em dois ou três anos. Antes e durante a guerra, a

---

<sup>33</sup> Idem. p. 217-218

<sup>34</sup> Idem

<sup>35</sup> SHIMON, Meiko. *Concepção estética de Kawabata Yasunari em Tanagokoro no Shôsetsu*. Ed. Universidade/UFRGS, 2000. p. 66

<sup>36</sup> KAWABATA apud TSUKIMURA, 1968 p. 2. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/488804> acessado em 20 de maio de 2018.

<sup>37</sup> SHIMON, Meiko. *Concepção estética de Kawabata Yasunari em Tanagokoro no Shôsetsu*. Ed. Universidade/UFRGS, 2000. p. 67

atividade econômica japonesa havia transformado o ambiente natural.<sup>38</sup>

Durante os anos da guerra, Kawabata publicou poucas obras, nesse período foram apenas seis contos que se encontram no *Tanagokoro no shosetsu*. Os aspectos comuns dessas obras são o ambiente e assuntos que refletiam a situação da guerra que o país atravessava, e onde transparecia profundo carinho do autor para com suas personagens. Na maioria destes contos, em estilo sereno, Kawabata descreve relampejos da beleza e melancolia das cenas do cotidiano de pessoas comuns, a fragilidade da natureza humana que mais resplandece na situação de emergência do país.<sup>39</sup> Os contos que serão analisados a seguir trazem essa perspectiva de representação da natureza durante as mudanças que o país atravessou devido a modernização, a guerra e posteriormente aos conflitos. A obra *Contos da Palma da Mão* possui cento e quarenta e oito contos ao todo. O primeiro datando de 1921 e o último, uma obra póstuma de 1972.<sup>40</sup> A característica desses contos é a forma breve como são escritos contendo poucas linhas ou páginas. Em depoimento de Shimaki Kensaku, estudioso das obras de Kawabata ele destaca:

Embora sejam narrativas curtas elas proporcionam amplo e profundo sentimento de vida, com um sabor diferente das suas demais grandes obras. Os sentimentos de ternura para com a humanidade, que se renova a cada momento, fazem-me sentir a vida bela, saudosa, feliz e triste. Que poesia! Eu aprecio muito mais estes pequenos contos do que as demais criações de Kawabata. Certamente eles terão uma vida literária muito longa. Cada vez que os releio, eles me proporcionam renovadas impressões.<sup>41</sup>

Os contos são classificados, de forma geral, em três períodos e trazem características diversas. Em um primeiro período (1921-1938) temos uma grande diversidade temática e notamos as técnicas do neossensorialismo. No segundo período (1943 – 1956) predominam assuntos familiares que refletem as situações de guerra e pós-guerra. Já no terceiro período (1962 – 1972) observamos tendências que se aproximam do misticismo e surrealismo. Kawabata foi um grande entusiasta dessa

---

<sup>38</sup> BRETT, Walker L. *História concisa do Japão*. São Paulo. Edipro. 2017. p. 304

<sup>39</sup> SHIMON, Meiko. *Concepção estética de Kawabata Yasunari em Tanagokoro no Shôsetsu*. Ed. Universidade/UFRGS, 2000. p. 126

<sup>40</sup> Idem, p. 68

<sup>41</sup> KENSAKU apud Shimon, 2000, p. 74

maneira de escrever e utilizou diversas técnicas narrativas tratando de uma grande variedade de temas.<sup>42</sup>

Análise do conto: *A romã* de 1943<sup>43</sup>

O conto “A romã” se passa em um lar onde vivem apenas mãe e filha sem a presença masculina, fato comum no período de guerra. A narrativa trata de um acontecimento que envolve uma romã e é a partir deste fruto que se desencadeia a história sobre o despertar do amor no coração da jovem. Segundo Morimoto Osamu, este conto é considerado uma obra que reúne características essenciais dos *Contos que cabem na palma da mão*. Sua linguagem é simples, a estrutura do conto começa pela descrição do cenário e evolui apresentando dramas interiores de forma sutil.<sup>44</sup>

O conto começa com uma descrição do cenário onde a romãzeira tem todas as suas folhas caídas no chão devido ao vento frio. A menina Kimiko se surpreende ao ver a cena e percebe no alto da árvore um único fruto, uma romã. A menina grita chamando pela mãe para que venha ver e a mesma apenas olha rapidamente retornando aos seus afazeres, mas não sem antes dizer que havia se esquecido da romã. Isso faz com que Kimiko pense na vida solitária que leva com a mãe naquele lugar e comece a lembrar de quando o filho de um primo foi visitá-la e a primeira coisa que ele reparou ao chegar foi no pé de romã. Até a vinda do garoto as romãs estavam esquecidas e logo após a visita foram novamente esquecidas.

Após essas lembranças, Kimiko apanha a romã com o auxílio de uma vara de bambu. A romã já estava completamente madura e a menina sente remorsos por ter colhido a fruta. Ela volta para dentro de casa para continuar na costura quando mais tarde sua mãe a chama dizendo que tem visita, o que a deixa um tanto atrapalhada. A mãe conversa com Keikichi dizendo que sua filha sempre quis lhe visitar antes de sua partida para a guerra e então o convida para o almoço, mas ele tinha pressa. Então, a mãe de Kimiko oferece a romã.

Quando Kimiko chega ambos os jovens se olham com um olhar que expressa certa impaciência. É descrito no texto que algo quente surgia nos olhos do rapaz e a menina

---

<sup>42</sup> SHIMON, Meiko. *Concepção estética de Kawabata Yasunari em Tanagokoro no Shôsetsu*. Ed. Universidade/UFRGS, 2000. p. 77-78

<sup>43</sup> KAWABATA, Y. *Contos da palma da mão*. Tradução de Meiko Shimon. 1ª. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2008. p. 368

<sup>44</sup> MORIMOTO apud SHIMON, 2000, p. 127



se sentia paralisada e então a romã cai das mãos de Keikichi, mas ambos se olham novamente, porém sorridentes. Ambos se saúdam e se despedem e Keikichi vai embora rapidamente. Kimiko permanece no jardim por algum tempo.

Após conversar com sua mãe sobre o que acabara de acontecer Kimiko apanha a romã caída. Sua mãe então vai até a cozinha para limpar a fruta e ao retornar a entrega a filha. Primeiramente ela recusa, mas ruborizada aceita. Ela acaba mordendo a fruta por causa da presença da mãe que poderia estranhar se ela não o fizesse. Ao fazer isso ela sente a acidez da romã que lhe proporciona um prazer doloroso. Indiferente, a mãe se levanta e comenta que se despediu do rapaz com os cabelos bagunçados e então passa a contar uma história a respeito do pai da menina. Kimiko se sentia embaraçada em contar para a mãe o que havia sentido, contudo achava que se despediu do rapaz com o coração cheio de amor.

Como podemos ver o texto começa com a descrição do pé de romã com suas folhas caídas dando a impressão de um local solitário onde duas mulheres, mãe e filha, procuram viver da melhor maneira possível com coragem e esperança. Em algumas culturas, e principalmente no Japão, a romã tem relação com a fertilidade e é utilizada com o intuito de estimulá-la<sup>45</sup>. A partir daí podemos tomar algumas considerações:

O vento frio e seco prenunciando o rigor do inverno pode se referir ao difícil futuro dos jovens em tempos de guerra. Aqui podemos pensar também na questão do significado do tempo neste conto. O vento frio do final de outono e início de inverno nos dá a ideia do tempo da natureza, ou seja, um passar dos dias e das noites muito lento onde algo muito pequeno como o nascimento de um fruto até sua maturação levam dias ou até mesmo meses, assim como o passar das estações. O que entra em conflito direto com o tempo do ser humano e principalmente na questão da modernização onde tudo precisa acontecer rapidamente. O tempo de produção deve ser acelerado visando um fim maior, o que na época seria os esforços de guerra e o direcionamento do país para um futuro competitivo com grandes potências mundiais:

*“As folhas da romãzeira caíram todas em uma noite de vento frio e seco, que anunciava a chegada do inverno”.*

---

<sup>45</sup> Disponível em: <https://www.portalsaofrancisco.com.br/biologia/romazeira> acessado em 07 de junho de 2018.

O próprio autor nos confirma a solidão das duas mulheres:

*Na extremidade de um galho alto, ficara um belo fruto.*

*- Mamãe, é uma romã!*

*Kimiko chamou sua mãe.*

*- É mesmo... Eu me esqueci dela – a mãe lançou apenas um olhar e retornou à cozinha.*

*A palavra “esqueci” fez Kimiko se lembrar da vida solitária que ela e sua mãe levavam, esquecendo-se até das romãs que amadureciam em frente à varanda.*

No trecho a seguir podemos inferir acerca da sexualidade da menina que ainda não havia sido exposta ou até mesmo no pensamento da mãe que não havia se dado conta, ou aparentemente esquecera, das próprias mudanças íntimas pela qual sua filha passava:

*“Quando o garoto viera, as frutas ainda se achavam escondidas entre as folhagens, mas agora a última delas ficara exposta ao céu.”*

Através das descrições do pé de romã e o seu fruto Kawabata revela o amor entre Kimiko e Keikichi, que vem visitá-la para se despedir por ter sido convocado para a guerra. A partir desse ponto a narrativa passa a tratar do amor que os dois nutrem. A romã tem papel primordial no conto, pois é através dela que essas relações aparecem. A romã assume um significado que nos leva a conhecer a relação de Kimiko e Keikichi. Kawabata utiliza a descrição da natureza como reflexo da vida humana, como o vento simbolizando o momento da guerra e a romã uma representação do amor dos jovens.<sup>46</sup>

O trecho a seguir nos apresenta a ideia de virgindade e pureza da jovem:

*“Havia um ar nobre e rijo naquela romã, assim como na terra cercada pelo círculo de folhas caídas”.*

A seguir o fruto e a própria menina estão maduros. Em seu trabalho sobre literatura japonesa, Daisaku Ikeda comenta que muitas vezes se referem aos jovens como “cerejeiras, ameixas, pêssegos”, comparando-os aos botões destas diversas árvores frutíferas e instando cada uma a desenvolver as características particulares que lhes

---

<sup>46</sup> SHIMON, Meiko. *Concepção estética de Kawabata Yasunari em Tanagokoro no Shôsetsu*. Ed. Universidade/UFRGS, 2000. p. 127

sejam apropriadas como indivíduos. Este hábito de extrair analogias das estações ou de diferentes variedades de flores e plantas parece ser caracteristicamente japonês<sup>47</sup>:

*“[...]Kimiko foi até o jardim e apanhou-a com uma vara de bambu.*

*A romã estava completamente madura e rachada, como se tivesse explodido pela pressão das sementes. Colocada no soalho da varanda, seus grãos brilhavam ao sol, e através deles transluzia a luz solar”.*

A próxima descrição dá a entender o consentimento da mãe de Kimiko para que o rapaz possa se relacionar com a menina ao entregar-lhe a romã:

*“- Kimiko também sempre dizia que queria vê-lo antes de você partir para a guerra. – disse a mãe. – Mas era difícil visitá-lo e você também custou a aparecer. Enfim, que bom que hoje...*

*Ela o convidou para almoçar, mas ele parecia ter pressa.*

*- Que pena... Olha, é a romã do nosso jardim. Sirva-se”.*

O jovem Keikichi deseja dividir o prazer com Kimiko. A queda da romã pode ser uma referência aos difíceis dias de guerra que estão por vir:

*“Keikichi mordera levemente os grãos da superfície.*

*Momentos antes quando dirigiu o olhar quente para Kimiko, ele deve ter afrouxado os dedos sem se dar conta, e deixara cair a romã que tentava partir em dois. Não conseguiu, e a fruta caíra com o lado da polpa voltada para a terra”.*

No trecho a seguir a mãe de Kimiko recolhe o fruto em uma atitude que reafirma o seu consentimento pela união dos dois. Ao oferecer a sua filha a mesma recusa, denotando embaraço e inexperiência por ser virgem:

*“A mãe foi para a cozinha lavar a fruta e, ao voltar, estendeu-a à menina.*

*- Kimiko, pegue.*

*- Não quero. Está suja.*

*Ela fez uma careta e recuou, mas ruborizou e, atrapalhada, recebeu a fruta docilmente”.*

---

<sup>47</sup> IKEDA, Daisaku. *Os clássicos da literatura japonesa*. Comentários e discussões. Rio de Janeiro. Record. 1979. p. 91

Ao morder a romã, Kimiko descobre o segredo do prazer, ao mesmo tempo ácido (a dor da perda da virgindade) e prazeroso. Ou também podemos pensar que o sabor ácido seria a dura realidade de que o relacionamento dos dois terá que enfrentar, ou seja, o tempo e a distância por conta dos conflitos da segunda grande guerra. A romã liga os dois amantes:

*“Por causa da presença de sua mãe, Kimiko achou que, se não comesse, ela estranharia. Fingindo indiferença, encostou os dentes e mordeu. A acidez da romã sensibilizou seus dentes. Sentiu que isto lhe proporcionava um prazer doloroso, que ia se espalhando nas profundezas de suas entranhas”.*

Expressar sentimentos e emoções de forma indireta, através de expressões sutis por meio de sinais da natureza, é um estilo de linguagem próprio da estética tradicional japonesa. É sabido que durante a guerra Kawabata se aprofundava na leitura de obras clássicas do país. Na tradição cultural japonesa, o homem vê nos fenômenos da natureza os sinais de expressão de seu sentimento, ou seu estado de espírito.<sup>48</sup>

Análise do conto: *Os vizinhos* de 1962<sup>49</sup>

O conto “Os vizinhos” trata de cenas da vida cotidiana. Temos dois jovens que acabam de se casar: Yukiko e Yoshiro; um casal de idosos que não tem seus nomes revelados e o filho deste casal, Murano, que aparece brevemente. A história se passa em um curto espaço de tempo: durante a noite e a manhã seguinte e envolve os dois casais. Os jovens estão conversando com o filho do casal mais velho sobre o aluguel de uma casa. É um terreno grande com duas casas: na casa da frente moraria os jovens e nos fundos do terreno reside o casal mais velho. De narrativa simples, o conto esconde algumas particularidades que podem ser interpretadas.

O conto começa com uma conversa entre Murano e o jovem casal a respeito do aluguel de uma casa. O homem enfatiza a idade avançada dos pais e seus problemas de saúde como a surdez. Ele se mudou para Tóquio a serviço e desde então seus pais ficaram sozinhos. Ele afirma que a vida dos idosos ficaria florida e

---

<sup>48</sup> SHIMON, Meiko. *Concepção estética de Kawabata Yasunari em Tanagokoro no Shôsetsu*. Ed. Universidade/UFRGS, 2000. p. 128.

<sup>49</sup> KAWABATA, Y. *Contos da palma da mão*. Tradução de Meiko Shimon. 1ª. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2008. p. 447.

iluminada com a presença de pessoas tão jovens. Alugar a casa seria uma forma de não deixar os “velhos”, como Murano se refere, abandonados. A casa se encontra em um vale de extrema beleza e é uma habitação enorme para apenas duas pessoas.

Na noite em que se mudaram o casal não conseguiu se acostumar de imediato com a casa imensa e todo o silêncio e escuridão que a envolvia, então resolveram acender todas as luzes do lugar. Estava tudo amontoado devido a mudança. A esposa, Yukiko, se entretinha com as contas do seu colar que havia recebido do pai. Este colar fora adquirido de nativos da região de Taiwan e suas contas se chamavam “olhos de libélula”. As contas eram de estimação de seu pai e de certa forma Yukiko se sentia mais próxima da família estando de posse do objeto. Na manhã seguinte à noite de núpcias o fio do colar se rompeu quando o casal estava se abraçando e após um momento de descontração os dois começam a juntar as contas caídas no chão.

Na noite em que chegaram àquela casa Yukiko tentava reordenar os "olhos de libélula" para formar um novo colar. As peças possuíam cor, desenho e formas diferentes que mostravam a simplicidade dos nativos que as tinham feito. Dessa maneira era possível criar diversos colares diferentes. Observando a esposa montar o colar Yoshiro, o marido, pergunta se ela não lembrava mais como ele estava antes de se partir. Ela então responde que por ter feito junto ao pai não lembra mais como era a ordem certa, mas que dessa vez faria de um jeito que agradasse ao marido. Em quanto o casal estava envolvido com aquilo o tempo vai passando. Eles percebem uma movimentação no quintal e vão averiguar o que poderia ser. Era o ruído de folhas caindo no teto da casa dos fundos.

Chegamos a manhã do dia seguinte. A moça chama o marido para ver os vizinhos idosos dando petiscos aos milhafres. Era uma manhã clara e agradavelmente quente lembrando os dias da primavera e o sol penetrava na sala de estar da casa dos fundos separada da casa principal por um belo jardim delimitado por uma cerca viva de camélias, ou *sazanka*<sup>50</sup> no termo japonês. Os idosos alimentavam as aves dando comida diretamente em seus bicos fazendo com que elas balançassem as asas ao receber o alimento. Os recém-casados decidem ir cumprimentar os idosos. Ao sentirem a aproximação deles as aves levantam voo surpreendendo os dois. Eles se apresentam agradecendo a oportunidade de morarem ali. Apesar da expressão vazia dos idosos, o homem mais velho dá as boas-vindas e chama pela mulher, ele diz ter

---

<sup>50</sup> Sazanka: espécie de camélia que floresce no outono, enquanto que a camélia em geral floresce no início da primavera japonesa

vontade de ver os jovens. Nesse momento as aves parecem retornar e Yoshiro e Yukiko, não querendo incomodá-los, se despedem dos velhinhos.

O eixo da narrativa seria os dois casais e as diferenças que podemos observar em suas características. É através dessa relação que o autor desenvolve reflexões sobre diversas questões que estavam muito presentes na época do texto: as relações familiares e sociais, a vivência e convivência do ser humano, sua relação de conflito ou harmonia com a natureza. O país havia evoluído e se modernizado às custas da exploração de seu ambiente natural para em seguida entrar na Segunda Guerra, afundando-o e fazendo com que a natureza mais uma vez fosse explorada:

*"- Os velhos vão ficar satisfeitos – disse Murano, observando Yoshiro e Yukiko, jovens recém-casados, e acrescentou: - Meus pais, como estão quase surdos, podem parecer um tanto esquisitos. Mas não precisam se incomodar com eles.*

*Murano se mudara para Tóquio por causa de seu emprego e deixara os pais idosos em sua casa de Kamakura. Eles moravam na parte dos fundos. Por isso, Murano procurava alguém para alugar a casa. Seria melhor a casa continuar habitada do que ficar fechada; além disso, os pais idosos não se sentiriam isolados. Por essas razões, o valor do aluguel seria apenas simbólico. Um casal, que fora padrinho do casamento de Yoshiro e Yukiko, conhecido de Murano, intermediou e, assim, eles foram conversar com Murano. Este pareceu ficar satisfeito com o jovem casal."*

Existe uma passagem no conto a respeito de um colar de contas que a moça, Yukiko possui. Este colar foi feito por ela e seu pai que adquirira as contas de nativos da Taiwan. Quando Yukiko e seu marido, Yoshiro se entregam na noite de núpcias esse colar se rompe, referindo-se a essa separação do vínculo da moça com seus pais. Em seguida, junto a seu marido, tentam refazer o colar, dessa vez representando uma nova ligação de marido e mulher. O processo de “rompimento” e “recomposição” do colar seria como o amadurecimento, de moça/virgem para mulher.<sup>51</sup>

Podemos tomar algumas considerações sobre os casais. O casal jovem tem o significado de vida nova e a expectativa do futuro, porém denotam insegurança e inexperiência. Eles representariam a modernidade, ou seja, a busca pela tecnologia e renovação. A casa em que eles estão é ampla e escura, dando uma sensação de

---

<sup>51</sup> SHIMON, Meiko. *Concepção estética de Kawabata Yasunari em Tanagokoro no Shôsetsu*. Ed. Universidade/UFRGS, 2000. p. 130.

isolamento fazendo com que os dois busquem a energia elétrica, ou seja o novo, para se sentirem confortáveis e seguros:

*“Com seis cômodos, era ampla demais para os jovens recém-casados. Na noite em que chegaram com a mudança, não conseguindo se acostumar com a casa e com o silêncio que a cercavam, acenderam todas as luzes dos seis cômodos, deixaram também as luzes da cozinha e do vestíbulo acesas, e acomodaram-se na sala de doze tatames.”*

Já o casal mais idoso nos mostra exatamente o oposto. Apesar de “surdos” e “esclerosados” como o filho Murano sugere, eles estão rodeados pela natureza, pelas cores, pela luz da manhã, pelo canto dos pássaros que se aproximam deles para receberem comida. O mundo natural é o suficiente para acalantar seus espíritos. A casa na qual os idosos moram parece estar além da morada do jovem casal, muito mais conectada com a natureza:

*“Na manhã clara e agradavelmente quente de outono, que lembrava os dias primaveris, a casa dos fundos encontrava-se com os shoji escancarados, deixando o sol penetrar na sala de estar. O casal de idosos tomava sua refeição matinal. A casa dos fundos estava separada da casa principal por um jardim, em suave aclive, delimitado por uma cerca viva de sazanka de pouca elevação. A sazanka da cerca estava carregada de flores, e a casa dos fundos parecia flutuar sobre a ribanceira florida. Cercada em seus três lados por morros cobertos de árvores de folhas tingidas pela geada, a casa parecia estar soterrada nelas. A luz do sol matinal do final de outono incidia sobre as sazanka e as folhas vermelhas e douradas dos morros, parecendo aquecê-las até suas camadas mais profundas.*

Antes, durante e até mesmo depois da guerra a atividade econômica japonesa havia transformado o ambiente natural. Em geral a agricultura sofreu enormes convulsões durante esse meio tempo, os solos foram terrivelmente afetados, as florestas foram danificadas. Durante a recuperação do pós-guerra quatro casos de grave poluição desestabilizaram o crescimento do país.<sup>52</sup>

O texto parece ser um convite para pensarmos na questão ambiental e o quanto o ser humano pode conviver em harmonia com o seu meio. É como se esse casal

---

<sup>52</sup> BRETT, Walker L. *História concisa do Japão*. São Paulo. Edipro. 2017. p. 302

idoso representasse o antigo Japão ao qual Kawabata se refere e adora, ou seja, o Japão do período Heian que preservava e cultuava a sua natureza em seus poemas *waka*. “Kawabata procurava estabelecer uma literatura baseada nos ideais de “amor à humanidade” e “salvação da humanidade”.<sup>53</sup> Na literatura desse período podemos verificar o quanto os corações dos homens e mulheres se comoviam com as sutis alterações da natureza e como eles interagiam com ela. A natureza não é reduzida simplesmente a um fenômeno físico, mas é encarada como uma vital manifestação da vida onde o ser humano e a natureza são como uma única entidade. As descrições da natureza não são apresentadas meramente por si próprias, mas sim como são percebidas e interiorizadas. O senso estético demonstrado nas obras de literatura Heian constitui importante base para a sensibilidade do povo japonês como um todo. Essa sensibilidade é ainda mais refinada pelo processo de reagir à natureza. Devemos reconhecer a riqueza e a profundidade do coração que se deixa comover pelas variadas impressões da natureza.<sup>54</sup>

No trecho anterior podemos pensar a questão das estações e do tempo, assim como no conto anterior. Parece haver no Japão uma tradição de se pensar a primavera e o outono. Até mesmo de qual seria melhor. Concursos de poesia no período Heian debatiam a superioridade entre as duas estações. Esse hábito, num determinado sentido, simboliza a profunda preocupação dos japoneses com as estações como um todo e com o mundo da natureza. As mudanças das quatro estações são vistas como simbólicas dos vários estágios da vida humana. Este tipo de analogia tem suas raízes no pensamento budista. A consciência da morte e da alteração iminente que ocorre com um indivíduo em seus últimos anos está ligada a severidade e melancolia do inverno. Ao mesmo tempo existe um sentido de expectativa por temperaturas mais amenas e se tem a sensação de renovação da vida que a primavera traz.<sup>55</sup>

A ideia de distanciamento da casa dos fundos é reforçada pela presença dos pássaros que se aproximam dos idosos para receber alimento, lembrando assim, os animais sagrados do xintoísmo. A montanha é a morada dos deuses e os animais seus mensageiros. Compartilhar a refeição seria um ato simbólico de comunhão com

---

<sup>53</sup> HATORI apud SHIMON, 2000, p. 88

<sup>54</sup> IKEDA, Daisaku. *Os clássicos da literatura japonesa*. Comentários e discussões. Rio de Janeiro. Record. 1979. p. 88-89

<sup>55</sup> Idem, p. 91



a natureza. Somente os idosos, neste conto, recebem e doam tanto contato com o meio natural:

*“- Alguma coisa está caminhando lá fora? Yukiko aguçou o ouvido. Era o ruído das folhas de árvores que caíam. Não no telhado dessa casa, mas na casa dos fundos. Estava ventando.”*

*“De pescoços erguidos, dois milhafres pousavam na mesa de refeição. Os idosos mastigavam omelete e presunto, pegando pequenas porções da boca com os hashi<sup>56</sup> e as levavam até o bico das aves. Cada vez que ganhavam o alimento, balouçavam as asas, abrindo-as um pouco.*

À medida que a percepção das estações e do mundo da natureza é eliminada, os corações das pessoas são reduzidos a um deserto.<sup>57</sup> Os homens e mulheres do Japão da antiguidade costumavam usar palavras que traziam um sentido de apreciação refinada e sensível das belezas da natureza. As árvores feneceram, animais foram extintos, a poluição destruiu muito o meio ambiente. A civilização moderna, com sua ênfase sobre a tecnologia e sobre o crescimento econômico, usou os seus melhores esforços na busca do progresso e desenvolvimento. Como resultado, o meio ambiente foi destruído, os recursos naturais foram se exaurindo e as vidas emocionais dos homens empobreceram. A escrita de Kawabata mesclando o neossensorialismo com as tradições literárias japonesas nos mostram que de alguma forma é preciso recuperar tudo aquilo que foi perdido.

---

<sup>56</sup> Hashi: pauzinhos utilizados na alimentação oriental para levar comida à boca.

<sup>57</sup> IKEDA, Daisaku. *Os clássicos da literatura japonesa*. Comentários e discussões. Rio de Janeiro. Record. 1979. p. 92

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegando ao final desta pesquisa ficamos com a sensação de que há muito a ser explorado sobre o tema. Outras tantas questões poderiam ser feitas à fonte trabalhada. Yasunari Kawabata foi um autor de grande expressão no seu meio e recebeu o devido reconhecimento internacional por toda contribuição que realizou no âmbito da literatura e da memória do povo japonês. Muitas pesquisas já foram feitas sobre o autor, mas poucos trabalhos em língua portuguesa. Seu trabalho pode ser descoberto por muitas pessoas que ainda não o conheçam. O brilhantismo de Kawabata está em transmitir o carinho e a delicadeza que sentia pela alma do seu povo e principalmente da sua terra. Para ele existia uma unidade entre homem e natureza, está era a base da vida.

Considero que o contato com as obras produzidas por Kawabata possa inspirar os leitores a buscarem um mundo mais harmonioso, em zelar pelas pequenas coisas da vida como a estética tradicional japonesa trazida por ele nos apresenta. Compreender que estamos mais próximos de uma flor ou de um simples fruto do que possamos imaginar é muito valoroso. Existe uma unidade na natureza. Ela nos provém com tudo aquilo que precisamos para nossa existência e nós podemos retribuir de diversas formas.

O contato com tanta tecnologia e bens de consumo nos distanciou de nossas raízes. O povo japonês por séculos escreveu a respeito do meio natural que estava inserido e Yasunari Kawabata trouxe consigo o essencial para produzir seus textos, sobretudo, em uma época em que as nações, não só a japonesa, exploravam e sugavam cada vez mais o meio ambiente visando o crescimento industrial, econômico e o potencial bélico.

O progresso da industrialização trouxe uma alteração muito mais rápida e drástica do que jamais fora vista nos primeiros séculos da humanidade. Em muitos casos as mudanças se deram de forma extraordinária, no entanto, não podemos desprezar o fato de que o progresso da civilização é um processo que traz consigo inevitáveis consequências.

Os contos aqui analisados transmitem essas ideias. Tanto a história em *A romã* como o conto *Os vizinhos* toca de forma poética nessas questões. A pureza da menina Kimiko e a descoberta do amor como sendo o fruto maduro que restou na árvore. As folhas caídas ao chão pela ação do vento frio que anuncia o inverno, ou

até mesmo quando Keikichi deixa cair a romã, representando o duro período da guerra. Como as relações mais simples, uma moça e um rapaz se descobrindo em quanto pessoas, foram afetadas pelos caminhos que o país levou em escolher a guerra.

Em outro momento, com o fim da guerra e a reconstrução do país, a esperança de um futuro melhor nas mãos dos jovens, representados por Yoshiko e Yoshiro no conto *Os vizinhos*. Percebemos o distanciamento que as novas gerações criaram do meio natural ligadas ao “novo”, a tecnologia, que no texto parece ser silenciosa e escura, “não natural”. Por outro lado, o casal de idosos envolto em um mundo de sensações, luzes e cores. Um mundo de vida onde as aves não precisam se esconder, onde as folhas das árvores caem dando passagem a nova folhagem, onde mesmo a anoitecer não traz aflição, mas sim repouso para o corpo cansado.

Acredita-se que a partir das relações estabelecidas e reflexões realizadas, levando em conta todos os aspectos levantados durante esta pesquisa, a problemática enunciada na introdução deste trabalho foi respondida ao menos em parte. Ela também permanece como um possível norte para futuras explorações e novas publicações.

#### 4. Referências

BARROS, Benedicto Ferri de. *Japão a harmonia dos contrários*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1988.

CARVALHO, Alfredo Leme Coelho de. *Foco narrativo e fluxo de consciência*. Ed. Pioneira. São Paulo, 1981.

DUARTE, Regina Horta. *História & Natureza*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

GESSEL, Van. C. *Three Modern Novelists*. Tokyo: Kodansha, 1993.

GONÇALVES, Carlos W. P. *Os (des)caminhos do meio ambiente*. 2ª. ed. São Paulo: Contexto, 1990.

IKEDA, Daisaku. *Os clássicos da literatura japonesa*. Tradução de Astrid de Figueireido. Rio de Janeiro: Record, 1979.

KANEOYA, lochihiko. *Xintoísmo*. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/232833912/Xintoismo-Mitologia-e-Influencia-Na-Formacao-Da-Cultura-e-Do-Carater-Do-Povo-Japones> acessado em 10 de junho de 2018.

KATO, Shuichi. *A history of japanese literature*. Tradução de Don Sanderson. Londres: Kodansha, v. III, 1979.

KAWABATA, Yasunari. *Contos da palma da mão*. Tradução de Meiko Shimon. 1ª. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2008.

LEONEL, Samara. *A morte e as perversões em A Casa das Belas Adormecidas*. Dissertação – UFSM. Rio Grande do Sul. 2012. Disponível em: <http://docplayer.com.br/61940283-A-morte-e-as-perversoes-em-a-casa-das-belas-adormecidas-de-yasunari-kawabata.html> acessado em 20 de março de 2018.

NODARI, Eunici; PEDRO, Maria Joana; IOKOI, Zilda M.Gricoli. *História: fronteiras* / Associação Nacional de História. São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP: ANPUH, 1999. Disponível em: <http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/ANPUH.S20.pdf> acessado dia 30 de abril de 2018

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O mundo como texto: leituras da História e da Literatura*. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/30220> acessado em 28 de abril de 2018.

SHIMON, Meiko. *Concepção estética de Kawabata Yasunari em Tanagokoro no Shosetsu (Contos que cabem na palma da mão)*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000.

TSUKIMURA, Reiko; KAWABATA, Yasunari. *A Thematic Study of the Works of Kawabata Yasunari*. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/488804> acessado em 20 de maio de 2018.

WALKER, Brett. L. *História concisa do Japão*. Tradução de Daniel Moreira. 1<sup>a</sup>. ed. São Paulo: Edipro, 2017.

## 5. Anexos

A romã (*Zakuro*, 1943)

As folhas da romãzeira caíram todas em uma noite de vento frio e seco, que anunciava a chegada do inverno.

Espalhadas ao redor do pé, as folhas desenhavam um círculo na terra.

Ao abrir o *amado*, Kimiko surpreendeu-se ao ver a romãzeira despojada. Encantou-se também com o círculo perfeito formado no solo. As folhas poderiam ter sido espalhadas pelo vento.

Na extremidade de um galho alto, ficara um belo fruto.

- Mamãe, é uma romã!

Kimiko chamou sua mãe.

- É mesmo... Eu me esqueci dela – a mãe lançou apenas um olhar e retornou à cozinha.

A palavra “esqueci” fez Kimiko se lembrar da vida solitária que ela e sua mãe levavam, esquecendo-se até das romãs que amadureciam em frente à varanda.

Há cerca de quinze dias, o filho de um primo que veio visitá-las reparou logo nas romãs. Vendo o garoto de sete anos subir na árvore cheio de entusiasmo, Kimiko se sentiu contagiada por esta vivacidade.

- Olha, ainda tem uma bem grande! – gritou ela da varanda.

- Eu sei, mas se eu for pegar aquela não vou poder descer!

De fato, com romãs em ambas as mãos, ele não poderia descer da árvore. Kimiko começou a rir. Sentiu um enorme carinho pelo menino.

Até a vinda do garoto, as romãs estavam esquecidas. E após aquele dia, foram novamente esquecidas.

Quando o garoto viera, as frutas ainda se achavam escondidas entre as folhagens, mas agora a última delas ficara exposta ao céu.

Havia um ar nobre e rijo naquela romã, assim como na terra cercada pelo círculo de folhas caídas. Kimiko foi até o jardim e apanhou-a como uma vara de bambu.

A romã estava completamente madura e rachada, como se tivesse explodido pela pressão das sementes. Colocada no soalho da varanda, seus grãos brilhavam ao sol, e através deles transluzia a luz solar.

Sentiu remorsos por tê-la apanhado.

Kimiko subiu ao andar de cima e retomou a costura, quando, por volta das dez horas, ouviu a voz de Keikichi. A portinha do jardim deve ter ficado aberta; pareceu-lhe que ele passara direto ao jardim. Ouvia-se sua fala excitada e apressada.

- Kimiko, ó Kimiko! Kei-tchan está aqui! – a mãe a chamava.

Atrapalhada, deixou escapar a linha da agulha, espetando-a assim mesmo na almofadinha.

- Kimiko também sempre dizia que queria vê-lo antes de você partir para a guerra. – disse a mãe. – Mas era difícil visita-lo e você também custou a aparecer. Enfim, que bom que hoje...

Ela o convidou para almoçar, mas ele parecia ter pressa.

- Que pena... Olha, é a romã do nosso jardim. Sirva-se.

Voltou a chamar Kimiko.

Quando ela desceu, Keikichi parecia recebe-la com o olhar. E esse olhar, que expressava certa impaciência, fitava-a. Kimiko sentiu as pernas paralisadas.

Nos olhos de Keikichi ia surgindo algo quente, quando:

- Ah!

Ele deixara cair a romã.

Entreolharam-se sorridentes.

Ao se dar conta de que haviam trocado sorrisos, Kimiko ruborizou. Keikichi, que estava sentado na varanda, se levantou rápido.

- Passe bem, Kimi-tchan.

- Você também...

Mal ela acabou a frase, Keikichi já se virava para cumprimentar a mãe.

Depois que ele partiu, Kimiko permaneceu na porta do jardim por algum tempo.

- Kei-tchan estava atrapalhado, não é? – disse a mãe. – Que desperdício, uma romã tão gostosa...

Ela se inclinou, encostando seu busto no beiral da varanda, esticou o braço e apanhou a romã caída no chão.

Momentos antes quando dirigiu o olhar quente para Kimiko, ele deve ter afrouxado os dedos sem se dar conta, e deixara cair a romã que tentava partir em dois. Não conseguiu, e a fruta caíra com o lado da polpa voltada para a terra.

A mãe foi para a cozinha lavar a fruta e, ao voltar, estendeu-a à menina.

- Kimiko, pegue.

- Não quero. Está suja.

Ela fez uma careta e recuou, mas ruborizou e, atrapalhada, recebeu a fruta docilmente.

Keikichi mordera levemente os grãos da superfície.

Por causa da presença de sua mãe, Kimiko achou que, se não comesse, ela estranharia. Fingindo indiferença, encostou os dentes e mordeu. A acidez da romã sensibilizou seus dentes. Sentiu que isto lhe proporcionava um prazer doloroso, que ia se espalhando nas profundezas de suas entranhas.

Indiferente ao que se passava coma filha, a mãe já se levantava.

Passou diante do espelho e exclamou:

- Céus, que cabelo! Despedi-me de Kei-tchan com uma cabeça horrível. Que lástima.

E sentou-se ali mesmo.

Imóvel e atenta, Kimiko ouvia o ruído do pentear o cabelo.

- Logo depois que o papai morreu, sabe filha... – começou a mãe, falando devagar -, eu tinha medo de passar o pente no meu cabelo... Passava o pente e, então, ficava distraída. Às vezes, não sei como, parecia que o papai estava esperando, como sempre, que eu terminasse de me pentear. Tinha essa sensação, e ficava assustada quando me dava conta disso.

A mãe muitas vezes comia o resto da comida do pai, lembrava-se Kimiko.

Uma emoção dolorosa aflorou do seu íntimo. Era uma felicidade que lhe dava vontade de chorar.

Decerto, a mãe pensara apenas na pena do desperdício e, mesmo agora, só por essa razão lhe dera a romã. A mãe se acostumara a viver desse modo e, por isso, sem querer teria agido como de costume.

Kimiko tocara num prazer secreto e se sentia embaraçada diante da mãe.

Contudo, embora Keikichi não soubesse, ela achou que se despedira dele com o coração transbordando de amor. Sentiu que poderia esperar por ele por quanto tempo fosse necessário.

Lançou o olhar em direção à mãe, com cautela. O sol no *shoji* escondia o toucador.

Sentia medo, só de pensar em mordiscar a romã colocado no seu colo.



## Os vizinhos (Rinjin, 1962)

- Os velhos vão ficar satisfeitos – disse Murano, observando Yoshiro e Yukiko, jovens recém-casados, e acrescentou: - Meus pais, como estão quase surdos, podem parecer um tanto esquisitos. Mas não precisam se incomodar com eles.

Murano se mudara para Tóquio por causa de seu emprego e deixara os pais idosos em sua casa de Kamakura. Eles moravam na parte dos fundos. Por isso, Murano procurava alguém para alugar a casa. Seria melhor a casa continuar habitada do que ficar fechada; além disso, os pais idosos não se sentiriam isolados. Por essas razões, o valor do aluguel seria apenas simbólico. Um casal, que fora padrinho do casamento de Yoshiro e Yukiko, conhecido de Murano, intermediou e, assim, eles foram conversar com Murano. Este pareceu ficar satisfeito com o jovem casal.

Murano comentou ainda:

- A vida dos velhotes surdos ficará florida de repente. Não que eu tenha pensado de antemão alugar de preferência a recém-casados, mas com a presença de vocês tanto o velho casarão como os idosos ficarão iluminados pela sua juventude. Já estou até imaginando isso.

A casa de Murano encontrava-se no fundo de um daqueles numerosos vales que recortam a região de Kamakura. Com seis cômodos, era ampla demais para os jovens recém-casados. Na noite em que chegaram com a mudança, não conseguindo se acostumar com a casa e com o silêncio que a cercava, acenderam todas as luzes dos seis cômodos, deixaram também as luzes da cozinha e do vestíbulo acesas, e acomodaram-se na sala de doze tatames. Era a peça mais ampla da casa, onde guarda-roupas, penteadeira, acolchoados e demais peças do enxoval de Yukiko estavam temporariamente amontoadas. Por não haver quase espaço para se sentar, eles sentiam aconchego.

Yukiko se entretinha com as contas de seu colar, chamadas “olhos de libélula”, colocando-as em diferentes posições para formar um novo colar. As contas pertenciam à coleção do pai de Yukiko, que vivera quatro ou cinco anos em Taiwan, quando colecionara cerca de trezentos desses “olhos de libélula” dos nativos. Antes de casar, Yukiko ganhara as dezesseis ou dezessete que mais lhe agradavam. E fizera um colar com elas, levando-o na viagem de lua de mel. Como as contar eram de estimação de seu pai, Yukiko de certa forma transferira para as

contas os sentimentos ocasionados por esta sua separação dos pais. Na manhã seguinte à noite de núpcias, atraído pelo colar que a esposa usava, Yoshiro a abraçou e pressionou o rosto no pescoço dela. Sentindo cócegas, ela rebatia com gritinhos, procurando afastar o pescoço, quando as contas se espalharam pelo chão. O fio do colar se rompera.

Dizendo, “Oh!”, Yoshiro soltou-a. Agachados no chão, os dois apanharam as contas espalhadas. Observado Yoshiro de joelhos se arrastando pelo chão à procura das contas, ela não conseguiu conter o riso, e de repente seu corpo adquiriu um ar descontraído.

Na noite em que chegaram a Kamakura, ela tentava reordenar os “olhos de libélula”, reunidos naquela manhã, em um novo colar. Cada peça tinha cor, desenho e forma diferentes. Eram redondas, cúbicas ou cilíndricas. As cores eram primárias: vermelho, azul, roxo e amarelo, mas com o tempo haviam adquirido tonalidades discretas, e eram enfeitadas com desenhos curiosos feitos com a simplicidade própria dos nativos. Trocando a disposição das contas, cada qual um pouco diferente das demais, o colar resultante ficava diferente também. Feitas originalmente para colares de nativos, as contas possuíam orifícios para se passar o fio.

Observando Yukiko experimentar as posições das contas, Yoshiro perguntou:

- Não se lembra de como estavam antes?

- Eu fiz junto com papai, por isso não me lembro de tudo. Vou recompor do jeito que você gosta. Veja!

De ombros encostados, tentando recompor os “olhos da libélula” em um novo arranjo, os dois esqueciam o passar do tempo. A noite avançava.

- Alguma coisa está caminhando lá fora? – Yukiko aguçou o ouvido. Era o ruído das folhas de árvores que caíam. Não no telhado dessa casa, mas na casa dos fundos. Estava ventando.

Na manhã seguinte, Yukiko chamou por Yoshiro.

- Venha, venha logo... Os velhinhos dos fundos estão criando milhafres. Olha, estão comento juntos.

Yoshiro se levantou e foi para junto dela. Na manhã clara e agradavelmente quente de outono, que lembrava os dias primaveris, a casa dos fundos encontrava-se com os *shoji* escancarados, deixando o sol penetrar na sala de estar. O casal de idosos tomava sua refeição matinal. A casa dos fundos estava separada da

casa principal por um jardim, em suave aclive, delimitado por uma cerca viva de *sazanka* de pouca elevação. A *sazanka* da cerca estava carregada de flores, e a casa dos fundos parecia flutuar sobre a ribanceira florida. Cercada em seus três lados por morros cobertos de árvores de folhas tingidas pela geada, a casa parecia estar soterrada nelas. A luz do sol matinal do final de outono incidia sobre as *sazanka* e as folhas vermelhas e douradas dos morros, parecendo aquecê-las até suas camadas mais profundas.

De pescoços erguidos, dois milhafres pousavam na mesa de refeição. Os idosos mastigavam omelete e presunto, pegando pequenas porções da boca com os *hashi*, e as levavam até o bico das aves. Cada vez que ganhavam o alimento, eles balouçavam as asas. Abrindo-as um pouco.

- Como estão domesticados – admirou Yoshiro. – Vamos cumprimentar os velhos. Estão comendo, mas não creio que vamos incomodá-los. Também quero ver os milhafres, parecem uma graça.

Yukiko voltou para dentro da casa e trocou de roupa, retornando com o colar que conseguira refazer na noite anterior.

Sentindo a aproximação deles à cerca de *sazanka*, os milhafres levantaram voo de repente. O ruído de bater asas surpreendeu os ouvidos de Yoshiro e Yukiko. Ela deu um pequeno grito e erguei o olhar para o céu, onde os milhafres subiam. Eram aves selvagens que vinham da montanha para visitar os idosos.

Yoshiro se apresentou, polidamente, agradecendo a oportunidade de morar na casa principal.

- Perdoem-nos por assustar os milhafres. Parece que estão muito bem acostumados com os senhores – disse. Mas os velhos pareciam não entender nada. Nem faziam esforços para ouvi-lo e, de expressões vazias, olhavam para os dois. Yukiko voltou-se para Yoshiro, indagando com o olhar, “o que fazer”?

- Sejam bem-vindos. Ó velha! Temos estes vizinhos tão jovens e bonitos – disse o velho como se rompesse em subido monólogo. Mas a esposa parecia nem ter percebido. – Vocês podem fazer de conta que os vizinhos surdos nem existem. Mesmo assim, nós gostaríamos de ver os jovens, por isso não fiquem constrangidos, não se escondam de nós.

Yoshiro e Yukiko assentiram.

Os milhafres circulavam acima da casa dos fundos. Ouviam-se seus pios graciosos.

- Vejo que os milhafres não terminaram de comer, estão retornando da montanha. Não queremos incomodá-los.

Yoshiro fez sinal para Yukiko e levantou-se.